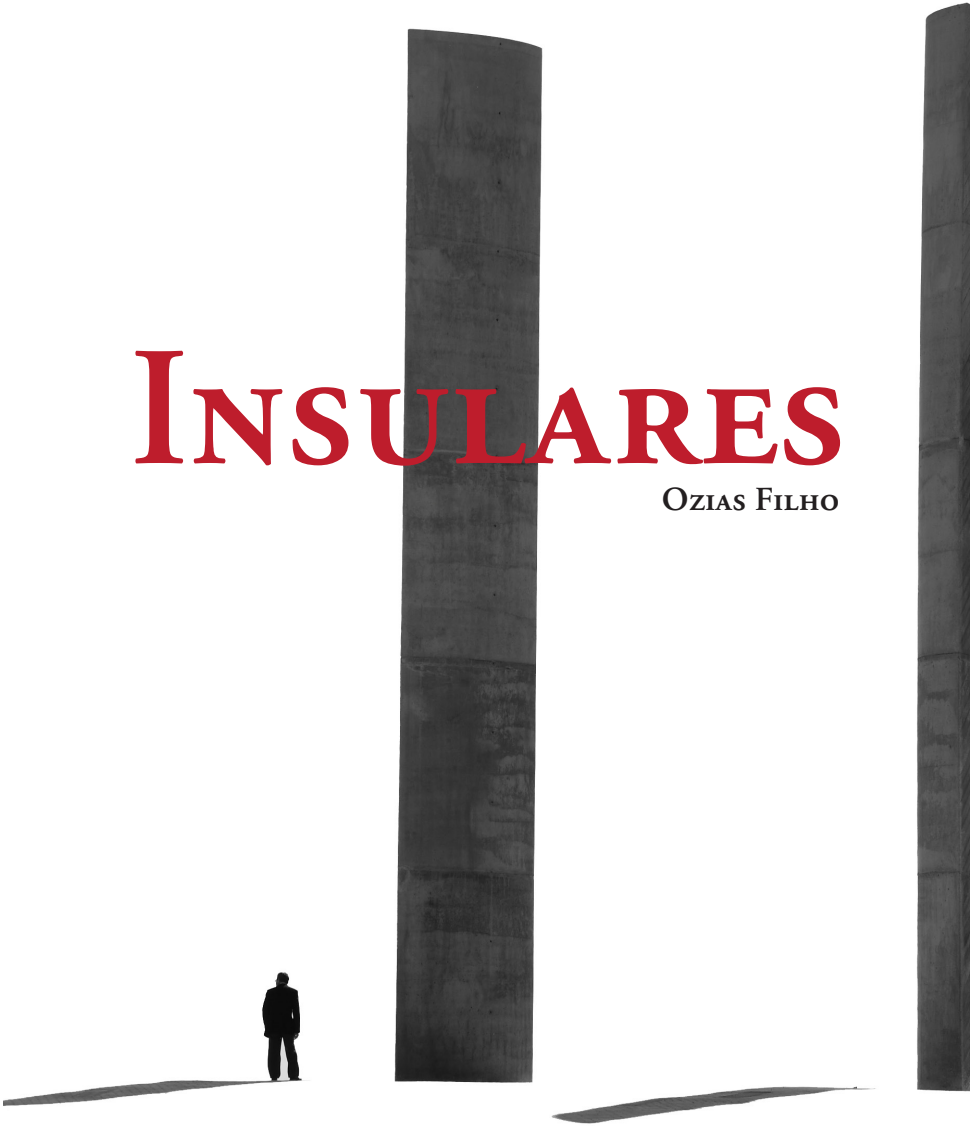
Penélope mantinha-se fiel. Ulisses, seu esposo, desaparecera fazia mais de dez anos. Partira com seus homens para a guerra com Troia e, desde então, nunca mais dele se soube. Andava triunfante por terras distantes a inventar ardilosos cavalos de madeira que o infiltrassem dentro de muralhas alheias. Penélope mantinha-se fiel. Não importava se estava Ulisses morto ou desaparecido, a combater na guerra ou a procurar os escritores do amanhã. Sabia que casara com destemido guerreiro, respeitado pelos homens e agraciado pelos deuses, escolhido na terra e nos céus para completar as mais difíceis missões. Num dia combatia, no outro carregaria os livros do conhecimento. Podiam vir príncipes e reis, mercadores e magnatas. Penélope mantinha-se fiel e assim continuaria.

Exemplar n º :

Insulares

Ozias Filho



Título: Insulares
Autor | Fotografia: Ozias Filho
Revisão: João Batista * Livros de Ontem
Capa | Paginação: Nádia Amante * Livros de Ontem

©2014, Livros de Ontem
Reservados todos os direitos de acordo com a legislação em vigor

1ª edição: Novembro 2014
Tiragem: 150 exemplares
Depósito Legal:
ISBN:

Livros de Ontem
Rua João Ortigão Ramos, 34, 6ºF
1500 - 364 Lisboa • Portugal

www.livrosdeontem.pt

Insulares

Ozias Filho

Livros de Ontem

Habitar a Solidão

Se a poesia moderna, desde Baudelaire, inaugura um sentimento de crise ou de desajuste do sujeito com o mundo, conforme assinala Siscar no seu pontual ensaio *Poesia e crise*, a poesia de Ozias Filho se inscreve bem no cerne desse sentimento de descompasso da contemporaneidade. No entanto, interessante é considerar a observação de Siscar quando acrescenta que "a poesia nomeia o desajuste sem fugir de suas contradições, ao contrário, fazendo dessas contradições ao mesmo tempo o elemento no qual se realiza e no qual naufraga qualquer nomeação"[1].

Essa incapacidade de "nomear" o desajuste ou a crise parece ser o fio condutor de *Insulares*, livro onde respiramos ares de inquietação, de rarefação, até chegar, em determinados momentos, na angústia, porém nunca explícita, mas sim provocada por um vazio que o poeta parece incapaz de explicar. De fato, um dos primeiros poemas que inauguram o livro se abre com um claro "sentir saudades / de quem não se conhece", reforçando esse sentimento de vácuo, vazio que, se aceitarmos a proposta do filósofo Zigmund Baumann, atribui-se a atual modernidade líquida, que desfaz (ou questiona) tudo o que é fixo, rígido e concreto.

1 SISCAR, Marcos. Poesia e crise. Campinas, Ed. Unicamp, 2010, P. 11

Há algo de descompassado, uma fresta de dissonância, no tempo e no coração, nesse novo livro de Ozias Filho. Descompasso que se apresenta de imediato, ao entrar no universo poético de *Insulares*, onde o silêncio "é resposta que basta" para o que não sabemos, mas que alimenta, talvez até por causa dessa zona de desconhecido, o movimento de procura. "A escritura posta ao espelho / será sempre começo", afirma o poeta. O recomeço. O redemoinho, o movimento sutil e quase imperceptível de procura, presente, insistente, às vezes impertinente, que quando se encontra na impossibilidade de preencher o vazio, opta, sagaz, por "educar ausências".

Uma procura existencial, vale lembrar, que está intrinsecamente ligada ao fazer poético desde a modernidade, uma vez que esse desajuste manifesta-se como uma forma de compreensão da realidade, a ser realizada dentro do discurso poético. Ozias Filho tece, com *Insulares*, o fio dessa tradição moderna (que vê nomes como Baudelaire, Rimbaud, Pound, Montale, etc.) ao pontuar seus versos de dúvidas, silêncios, perguntas que circulam, de página em página, abrindo voragens no imaginário do leitor. Essa atitude perante a matéria poética nos reconduz, conforme já dissemos, a esse sentimento de estranhamento, de exílio momentâneo do eu diante da realidade, cujas palavras testemunham dessa incapacidade de apreensão do real. E, a confirmação de quanto afirmado, encontramos nos versos de Ozias Filho a dúvida radical sobre a linguagem: "se a palavra falta / se tarda em não ser / se falsa é [...]".

A dúvida, a pergunta, pois, constituem um *leitmotiv* nessa coletânea, e representam a marca registrada da crise do sujeito lírico diante da realidade, daquele sujeito que faz da lida com as palavras uma "réstia de solidão [...] de uma cara gêmea". De novo aqui a dissonância, a ambivalência, que em alguns momentos do livro beira o paradoxo, sintomas de um *sentir*, melhor, de um *dizer* que não é inteiro, total, definido, mas mutante, em formação, e que se alimenta dos próprios vazios.

Entre o "desnorte" e a totalidade do ser, aqui representado pelo mito ("do muito eu já perdi / (do mito que nunca fui) / o que pouco resta ao todo / não está fora de mim), há um pêndulo que balança, balança e revela, nesse balançar, a fragilidade humana, mas também a força que nos atrela à vida, aqui encarnada no valor sublime da beleza:

entre o nada
e coisa alguma:

nós cheios de beleza

a reinar à flor
da carapaça vazia

Fica evidente, nesse poema, a recorrência da tônica da fragilidade, do mínimo, do quase calado, do que não se grita. No entanto, a força do "não–dito", os espaços em branco, o que há – porque há algo sim – "entre o nada e coisa alguma", revela a necessidade de ancorar na linguagem, como lemos em outro poema:

regresso
à companhia
das palavras

desta língua
que de tão sonora
apraz

As palavras, essas, que não são oraculares, não revelam verdades, não vendem realidades, pois "seguem no seu leito / do imperfeito".

Todavia, vale destacar como a escolha do poeta por uma poesia que se alimenta do pouco e fale do mínimo, se case com harmonia, no conjunto do livro, com a forma, também contida, mínima, sem excessos, dos poemas. Pois, ao longo da coletânea, é recorrente a ideia sugerida por Ozias Filho, de que há imagens "que não se traduzem", a confirmar o labirinto da vida onde se pressente que "há qualquer coisa de equívoco", um desvio, um desnorte, uma solidão habitada.

Uma morada, em definitivo, retomando um dos poemas mais intensos do livro, onde o outro mora, mas "em nós, em morada incerta". Onde qualquer um vive com esse sentimento de insular à flor da pele.

Prisca Agustoni

(*Escritora, tradutora, poeta é também Profª de Literatura Comparada na Universidade Federal de Juiz de Fora, em Minas Gerais*)

Brasil, agosto de 2014

cidade concreta

(poesia abstrata)

extrato de gente